

## NEBLINA

A série *NEBLINA* de *Sonia Wysard*, inaugura uma pesquisa da pintora com a gravura, onde o suporte em papel, os desenhos feitos a partir das marcas dos instrumentos de pintura - trinchas, pincéis, rodos - e a operação de gravura em monotipia, buscam novas possibilidades para o deslocamento conceitual do corpo no espaço bidimensional.

Em diálogo com os trabalhos da série *MERGULHO*; porém entrando numa escala mais intimista, delicada e reduzida, e assim mais cerebral que o confronto corpóreo direto que suas grandes telas negras-azuis nos induzem; as monotipias em sequência das séries *NEBLINA* convocam este apagamento da imagem através do enfraquecimento da potência de impressão, que se dá mecanicamente na repetição da tiragem da monotipia na mesma matriz.

Estas imagens, que remetem a paisagens etéreas, talvez nos façam lembrar instantaneamente de representações de paisagens japonesas ou da *impressão* atmosférica das pinturas de *William Turner*. Mas a sequência da diluição da primeira imagem à última, aliada ao deslocamento espacial que se constrói com cada "frame" deste processo, nos possibilita pensar a *neblina* como este apagamento físico e gradual - a perda da visão - cegando-nos a paisagem pouco a pouco. Um procedimento que pode ser relacionado quase inversamente aos *Mergulhos* de *Sonia*, que nos evocam encontrar a luz na escuridão.

Assim, o branco e o preto, como limites de um apagamento/revelação, perpassam novamente pela produção de *Sonia Wysard*, transformando então cada *monotipia-paisagem* num gesto construtivo de pensamento e de experimentação estética. Através deste procedimento inventado de '*neblinar-se*', *Sonia* ainda mergulha e nos faz mergulhar, mas aqui, o mergulho é na neblina.

Cristiane Geraldelli

(Agosto/2018)

Cristiane Geraldelli é artista e pesquisadora em Artes Visuais. Este texto foi escrito para a série *NEBLINA* em Agosto de 2018.

**FOG**

*The series FOG by Sonia Wysard, inaugurates a research of engraving by the painter, where the paper support, drawings made from stains of painting instruments – brushes, paint-brushes, squeegees - and the procedure of monotype engraving, seeks new possibilities for the conceptual displacement of the body in a two-dimensional space.*

*In a dialogue with the works from the DIVING series, however in a more intimate, delicate and reduced scale, therefore more cerebral than the direct body confrontation that the large black and blue canvases induce us. The sequential monotype FOG series conjures the fading of the image throughout the attenuation of the printing power, which is mechanically made by the monotype printing on the same matrix.*

*These images recalling ethereal landscapes, perhaps, instantly remind us of representations of Japanese landscapes or the atmospheric impression of William Turner's paintings. But the sequence of dilution from the first image to the last, allied to the spatial displacement built by each frame of the process, allows us to reason the fog as this physical and gradual fading – loss of sight – blinding us to the landscape little by little. A procedure that can be almost inversely related to Sonia's Diving, which impel us to find the light in the darkness.*

*Thus, the white and the black, as limits of a fading/revealing, pass one more time through the works of Sonia Wysard, transforming each monotype-landscape in a constructive gesture for reasoning and aesthetical experimentation. Through this invented procedure of "fogging herself", Sonia still dives and takes us into a dive, although, here, the diving is taken into the fog.*

*Cristiane Geraldelli*

*(August/2018)*

*Cristiane Geraldelli is an artist and Visual Arts researcher. This text was written for the FOG series in August 2018.*